

ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO DIANTE DA GLOBALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO¹

Clarice Fortkamp Caldin

Pretendo fazer algumas reflexões em torno da atuação do bibliotecário diante da globalização da informação.

É de praxe afirmar que as tecnologias mudaram o perfil do profissional da informação, levando-o a questionar os métodos tradicionais de processar, armazenar, recuperar e disseminar as informações.

O documento, ponto de partida para essas operações, ficou em segundo plano, pois, nessa sociedade globalizada, o formato e a acessibilidade física são sobrepujados pela noção de conteúdo informacional e a acessibilidade bibliográfica não fica limitada pela geografia.

O mundo globalizado pressupõe a diluição das fronteiras, a rapidez na comunicação, a interligação de todos.

Pressupõe também o aprimoramento das técnicas de processamento das informações, a educação continuada dos bibliotecários, seja em cursos de especialização, aperfeiçoamento, idiomas, seja em leituras consistentes que permitam ao profissional se atualizar diariamente. Parar de ler, de estudar, implica aceitar a derrocada profissional. Significa deixar os outros passarem à frente, com melhores empregos, melhores salários, maior visibilidade.

¹ Mesa redonda para profissionais, com o tema: Atuação do bibliotecário diante da informação, promovida pelo Conselho Regional de Biblioteconomia - CRB - 14^ª. REGIÃO, em comemoração ao dia do bibliotecário, realizada em 11 de março de 2011, às 19 horas, no auditório do Hospital Infantil Joana de Gusmão, com a participação de representantes da Associação Catarinense de Bibliotecários - ACB, Sindicato de Bibliotecários - SINDBIBLIO, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Conselho Regional de Bibliotecários - CRB-14 e Secretaria Estadual de Educação.

Significa que outro receberá a promoção, a chefia do setor, os louvores. Significa, também, não produzir conhecimento.

Conhecimento é entendido como informação processada pela mente humana. Platão dizia que o conhecimento é a crença verdadeira de mãos dadas com a razão. Para Platão o conhecimento verdadeiro era a ciência.

Já Aristóteles concebeu conhecimento como identidade com o objeto. Isso significa creditar uma relação de proximidade entre o ser e o objeto – e dessa forma o conhecimento pode ser sensível ou inteligível.

Na filosofia moderna, conhecer significa produzir ou criar o objeto; pode significar também a relação interna da consciência consigo mesma.

Davenport (1998) apresenta o conhecimento como informação valiosa da mente humana; inclui reflexão, síntese, contexto.

Ainda segundo Davenport (1988), informação se configura como um conjunto de dados dotados de relevância e propósito.

Isso implica dizer: a informação EXIGE pessoas que infiram sentidos aos dados – é, portanto, subjetiva. Implica dizer também: o mediador da informação, o bibliotecário analisa essa informação antes de disseminá-la.

Em outras palavras: se o bibliotecário se apropria da informação antes de distribuí-la, ele não é apenas um mediador da informação, é também produtor do conhecimento, pois se valeu de saberes prévios para ler, selecionar e disseminar a informação. Ao assim fazer, agregou seu conhecimento à informação recém-adquirida, dando-lhe feições novas, apondo sua subjetividade nessa operação. Isso quer dizer, o bibliotecário realizou uma introspecção e produziu algo novo.

Eis aqui o fator diferencial homem/máquina: a máquina filtra a informação – no sentido de depurá-la; o ser humano, sujeito

pensante, modifica-a – no sentido de ajustá-la aos usuários, circunstâncias ou necessidades.

É o vemos acontecer hoje: a globalização impõe ao bibliotecário um ajuste contínuo na análise, na seleção e no repasse das informações. As chamadas “novas tecnologias” surgidas no século XX são agora simplesmente tecnologias – aplicação dos conhecimentos científicos à produção em geral.

Assim, a globalização – integração entre os mercados, produtores e consumidores, requer do profissional da informação uma interligação – com seus parceiros de profissão, pesquisadores, usuários, pois se supõe que todos estão conectados à rede – forma mágica de saber tudo sobre tudo e sobre todos.

A respeito dos aspectos culturais da informática, Chauí (2003, p. 303-304) ressalta:

- a) foi criado o mito de que o computador nunca erra – o computador é apresentado como “uma máquina que resolve tudo simplesmente com o apertar de um botão, sem nunca errar”.

Esqueceu-se que o computador é uma máquina, “produzida, programada, conservada e operada por seres humanos.”

- b) o desafio da linguagem informática – a língua inglesa é utilizada na linguagem técnica, o que implica:
 - 1- dominar a língua inglesa (para não se sentir excluído do mundo avançado);
 - 2- repetir palavras como ‘word, e-mail, delete, homepage’, sem saber o que elas significam.

- c) O poder informático – como centros de “acumulação de informações”, os computadores são “centros de poder.”

Isso implica em alguns perigos:

- 1- controle sobre as pessoas – “as pessoas podem ser controladas pelos poderes públicos (policial, militar);
- 2- “posse de informações por pessoas não autorizadas que entram em contato com informações sigilosas”;
- 3- uso de informações para causar dano (espionagem industrial, crime organizado).

Ora, isso significa que não há segredos bem guardados, que algumas pessoas são excluídas dessa sociedade informática por desconhecerem sua linguagem, e que é necessário valorizar o criador (ser humano) antes de valorizar a criatura (computador).

Essas afirmativas nunca são bem-vindas. É bem mais cômodo aceitar a idéia de que todos têm acesso à rede, o computador é um objeto comum em muitos lares e escolas, o computador resolverá todos os problemas humanos.

Se esquecermos a participação imensa do ser humano (manual e intelectual) na produção, programação, conservação e operação da máquina, estaremos esquecendo a essência da condição humana: nascer, viver, morrer - sempre buscando o bem e o bom. É isso que o ser humano espera do progresso tecnológico: que facilite sua vida, que globalize a informação, que esse fluxo, esse transbordamento de informações não afogue a capacidade humana de discernimento.

Afirma Gadamer (2006, p. 16) “A expansão internacional e a crescente especialização da pesquisa provocaram uma inundação de informações que se volta contra a própria pesquisa. O bibliotecário

hoje tem de pensar muito cautelosamente sobre como ele ainda deve armazenar e administrar [...] a massa de informações que, entra ano, sai ano, cresce assustadoramente. [...] Assim, neste elevado fluxo de informações, a orientação é intermediada para o leigo de forma particular, fazendo com que ela não seja imparcial.”

Dessa feita, conquanto a máquina tenha a capacidade de armazenar informações e de deletar informações (pois foi programada para tanto), não dispõe do mecanismo humano da lembrança, de entender o contexto, de inferir valores, de análise e de síntese. A memória da máquina é limitada pelo seu programador. É objetiva. Por esse motivo é tida em alta conta – é imparcial, é exata. A memória humana, por outro lado, é totalmente subjetiva, passional, e, por esse motivo, incorre em erros. Por isso, não confiamos nela e registramos tudo – sentimo-nos inseguros quando perdemos nossa agenda.

Assim, hoje temos o “culto ao computador” – o robô que se alçou mais alto que seu criador – o ser humano.

Mas é o ser humano o foco das nossas atenções. Mais especificamente, o bibliotecário. Sujeito pensante, reflexivo, preocupado com as mudanças do mundo globalizado, engajado com a sociedade do conhecimento, plenamente consciente de suas funções de mediador da informação.

Falta conscientizá-lo de que também é produtor de conhecimento.

Segundo Silva e Cunha (2002), o século XXI, caracterizado pela sociedade do conhecimento, valoriza a intelectualidade, a criatividade, a estética, a subjetividade, a emotividade, a coragem de mudar.

Silva e Cunha (2002) apontam como itens fundamentais na formação e na vivência do profissional bibliotecário:

- a) Ele deve ter consciência de seu papel de ator nessa sociedade – deve saber como manejar as informações

adquiridas, como comunicá-las, como produzir novos conhecimentos;

- b) A troca de informações, a pluralidade de interpretações, a criação coletiva fortalece os vínculos sociais – o compartilhamento do fluxo internacional das informações é uma necessidade do mundo globalizado;
- c) Deve verificar e explorar suas competências – ninguém sabe tudo. Isso significa se especializar em algo, fazer de seu conhecimento uma moeda de troca;

Silva e Cunha (2002, p. 81) inferem que:

a educação dos bibliotecários deverá, no século XXI, priorizar a condição humana, enfatizando princípios como o ‘conhecimento pertinente’, o aprender a ser, a comunicar-se e a compreender outros indivíduos. É fundamental enfatizar a necessidade de articulação do acervo cognitivo com o mundo do trabalho em paralelo ao investimento individual em treinamento e capacitação.

A respeito da condição humana, não pode deixar de ser mencionado o pensamento de Arendt (2003) que, em obra arrojada, realiza um estudo sobre as atividades que estão ao alcance do ser humano: o labor, o trabalho e a ação. Morta em 1975, deixou inacabado um ensaio sobre o pensar, o querer e o julgar.

Para Arendt (2003, p. 15, 92) “o labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano”, é a “própria vida”, e cita Aristóteles que despreza as ocupações “nas quais o corpo se desgasta”. Na civilização grega, o labor era ocupação do escravo, que cuidava das necessidades de manutenção da vida, na esfera do privado, para que os cidadãos (homens livres) se ocupassem da vida pública.

O labor é repetitivo, cíclico, não tem fim, pois mesmo quando alguém morre, nasce outro ser humano e suas necessidades de subsistência devem ser supridas.

Arendt (2030) denomina trabalho a produção de um “mundo artificial de coisas”. Seria o “trabalho de nossas mãos”, a ocupação do operário e do artífice. Todo trabalho seria “produtivo”, produziria “coisas duráveis para que sejam acumuladas.”

Modernamente existe distinção entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Quando o trabalho adquiriu *status*, os intelectuais fizeram questão de serem chamados *trabalhadores*. Afirma Arendt (2003, p. 102) que o processo de pensar é menos produtivo que o manual e sempre que “o trabalhador intelectual deseja manifestar seus pensamentos tem de usar as mãos como qualquer outro trabalhador.”

Modernamente também se perdeu a distinção entre *labor* e *trabalho* e esses vocábulos são utilizados como sinônimos.

Cabe, agora, falar sobre a ação.

Arendt (2003) explicita que agir significa “começar”, “ser o primeiro”, mas pode significar também “governar”, “realizar” “acabar”, “guiar”, “conduzir”.

Arendt (2003, p.201) aponta que a fragilidade nos negócios humanos acontece justamente porque “ao contrário da fabricação, a ação jamais é possível no isolamento”; afirma que “estar isolado é estar privado da capacidade de agir” e que “a ação e o discurso são circundados pela teia de atos e palavras de outros homens”.

Em outros termos: se o bibliotecário pretende ter sucesso na profissão, atender cabalmente ao usuário da informação, precisa tomar a iniciativa em buscar cooperação e seus pares, conduzir bem o processo de recuperação da informação, concluir os trabalhos, guiar os usuários pelos caminhos da teia (web), saber explicar os procedimentos elementares e complexos para o proveitoso uso do computador, liderar a alfabetização em informação.

Isso é destacado por Tarapanoff, Suaiden e Oliveira (2002, p.5), quando discorrem sobre as funções sociais e oportunidades para profissionais da informação:

O que constatamos na atualidade, é que a inclusão digital está presente na agenda do governo, da iniciativa privada e da sociedade civil. Ela não pode ser reduzida à disponibilização de equipamentos e conteúdos. É necessário que o profissional da informação atue como um mediador entre o mundo digital e a capacidade real de entendimento do receptor da informação, garantindo a efetiva comunicação e a satisfação da necessidade informacional do usuário dessa tecnologia.

Para concluir essas reflexões, lanço alguns questionamentos:

- a) Estamos ajustando nossa maneira de pensar no tocante ao manejo, comunicação, educação dos usuários e compartilhamento das informações?
- b) Estamos nos educando e explorando nossas competências?
- c) Estamos produzindo conhecimento?
- d) Estamos laborando, trabalhando, agindo?
- e) Estamos sendo os bibliotecários que o mundo globalizado espera e exige?

Obrigada!

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

DAVENPORT, T. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002.

TARAPANOFF, Kira; SUAIDEN, Emir; OLIVEIRA, Cecília Leite. Função sociais e oportunidades para profissionais da informação. **DatagramaZero**: Revista Digital de Ci. Inf., v. 3, n. 5, p. 1-13, out. 2003.

PERFORMANCE OF LIBRARIAN IN FRONT OF GLOBALIZATION OF INFORMATION

ABSTRACT: *Reflects on the performance of the librarian in the face of globalization of information. Reports on the changes resulting from technology in professional practice. Explains the closeness and break boundaries in communication. Communicate the importance of continuing education and improvement of techniques in information processing. Stresses the production of knowledge explicit learning. Expounds on the use of new technologies by people trained to make the machine work and professional skills of the librarian. It states that the success of the librarians are participating in library sciences from all actions, including selection, acquisition, technical processing and warehousing to aid search and use information in accordance with the needs of users. It concludes with questions to be reflected by information professionals, about their practices and actions to promote a correct attitude toward screening, treatment, storage and dissemination of information and knowledge.*

Keywords: *Globalization of information, Performane of Librarian, Professional practice, Continuing education, Production of knowledge.*

Clarice Fortkamp Caldin

Doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - (UFSC)

Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - (UFSC)

Especialização em Organização e Administração de Arquivos pela Universidade Federal de Santa Catarina - (UFSC)

Graduação em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – (UDESC)

Professora adjunta I da Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC)

Colaboradora do Mestrado em Ciência da Informação – (UFSC)

Coordenadora do Curso de Graduação em Biblioteconomia – (UFSC)

Artigo:

Recebido em: 22-03-2011

Aceito em: 22-03-2011